

CARTA DE INTERESSE E INTERPRETAÇÃO DO TEMA DO CONCURSO

“Na verdade, a globalização faz também redescobrir a corporeidade. O mundo da fluidez, a vertigem da velocidade, a frequência dos deslocamentos e a banalidade do movimento e das alusões a lugares e a coisas distantes, revelam, por contraste, no ser humano, o corpo como uma certeza materialmente sensível, diante de um universo difícil de apreender. Talvez, por isso mesmo, possamos repetir com Edgar Morin (1990, p. 44) que ‘hoje cada um de nós é como o ponto singular de um holograma que, em certa medida, contém o todo planetário que o contém’”. Milton Santos (2008)



Mobilidade Cotidiana



Cidadão na espera do deslocamento

O interesse na discussão proposta por esse concurso passa pela necessidade do entendimento da dualidade de um projeto urbano que envolve, em um mesmo cenário de atuação, a complexidade da dinâmica metropolitana e as relações cotidianas de vizinhança. E a partir do reconhecimento do significado de urbanidade é que se busca elaborar os projetos que são apresentados.

Em um panorama complexo e desigual das grandes cidades do Brasil, a urbanidade pode ser encontrada na mobilidade cotidiana do cidadão e na criação de relações entre fluxo e lugar, mesmo que em face de espaços fragmentados, gerados por obras de infraestrutura urbana.

O significado de urbanidade que permeia a elaboração desta discussão é a relação entre o cidadão e seus arredores urbanos. Encarada de forma positiva, a urbanidade de um bairro é entendida como um espaço que foi apropriado por seus habitantes. A interação entre o residente que exerce o seu papel como cidadão e a dinâmica da globalização, cria conexões e experiências que levam a formas de engajamento, mas que podem levar também à marginalização.

As dinâmicas de ocupação da metrópole paulista, apoiadas na industrialização, geraram um movimento de periferação da população de baixa renda. A busca por territórios cada vez mais distantes torna viável a sua sobrevivência na metrópole, mas a leva a se instalar em regiões precárias que contam com poucas ou nenhuma infraestrutura e serviços básicos. Nessas condições, em que faltam apoios político, econômico e social, espaços públicos de qualidade e áreas verdes e de lazer são cenários distantes da vida cotidiana da população.

No entanto, mesmo que seja difícil enxergar urbanidade nestes locais, é importante reconhecer que a vida cotidiana destes bairros possui dinâmicas urbanas, que se apoiam na informalidade para existir. As passagens, escadas, atalhos e espaços de troca improvisados são exemplos de apropriação e de adaptação no meio ambiente urbano que se constrói.

Dentro da questão da mobilidade, ressalta-se o contraste que se observa entre a modernização dos meios de transporte e a precariedade dos caminhos das áreas periféricas, nos quais o desenho urbano e o planejamento não têm atuação efetiva. E neste cenário, a busca por uma fruição urbana é essencial para promover a urbanidade destes locais, através da conexão entre os deslocamentos metropolitanos e os deslocamentos locais, potencializando a aproximação do cidadão com o território da sua rotina diária, seja ela na sua vizinhança ou no espaço da metrópole. A experiência urbana pode, então, trazer o prazer de circular e de conviver nos espaços públicos.

Assim, a urbanidade do prazer, que se resume ao acesso à convivência social, ao lazer e à cultura não deveria estar disponível apenas após uma longa viagem, num deslocamento em direção às áreas centrais da cidade, mesmo que por um sistema moderno de ônibus. O desenho urbano e os espaços públicos que permitem esse tipo de relação deveriam estar presentes em todo território da metrópole.

A ideia central, portanto, é não limitar nosso olhar para o caos urbano que uma cidade como São Paulo provoca, mas demonstrar que, além de aparências imediatas, é possível desenvolver uma vida urbana em torno destas áreas periféricas. Dentro dessa consciência, é importante destacar a necessária transição do urbanismo rodoviário em direção a um urbanismo voltado ao pedestre que olha para os deslocamentos lentos e comunicativos, nos quais acontecem trocas entre cidadãos, território e sociedade.

Este concurso, portanto, é uma oportunidade de trazer à tona a discussão sobre a atuação dos profissionais responsáveis pela construção do ambiente urbano nessas áreas negligenciadas. E dentro das questões propostas na elaboração das propostas, é possível reconhecer temas importantes, como a elaboração de projetos urbanos em cenários de informalidade, a necessidade



O movimento na cidade

de articulação entre estratégias de projetos e governanças, a importância da adaptabilidade consciente no ato de projetar e o papel do desenho ambiental para construção de um cenário urbano sustentável.

O Jardim Ângela representa fielmente as questões apresentadas. É composto por um dos mais importantes corredores viários que conectam a cidade formal à população que ocupa o território espraiado da metrópole e, ao mesmo tempo, possui espaços de circulação e de encontro internos ao bairro que permitem, ainda que de forma pouco desenvolvida, a vivência urbana. Esta área reflete a função dormitório das periferias, o que significa que a população deve se locomover por grandes distâncias em busca de oportunidades relacionadas basicamente a emprego, saúde, educação e que envolvem, ainda, lazer e cultura.

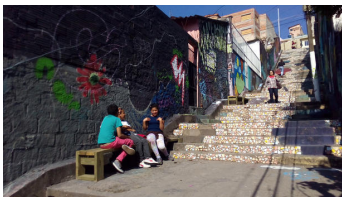
A presença de um eixo metropolitano, como a M'Boi Mirim, na formação do cenário urbano do bairro, faz com que a leitura do espaço e das relações urbanas sejam analisadas sob uma perspectiva multi-escalar. A complexidade, então, se encontra no reconhecimento da importância de situações sutis e cotidianas, como são algumas das passagens objeto desse concurso, dentro de um cenário em que uma grande avenida, que deve receber um BRT, tem aspecto de prioridade.

A análise das diversas escalas, entretanto, pode fornecer imagens contrastantes de um mesmo lugar, indicando as várias relações que ali se estabelecem, como por exemplo: bairro-metrópole, bairro-bairros vizinhos ou entre as ruas do próprio bairro. Um olhar plural enriquece e possibilita compreender as realidades espaciais que são contraditórias e complementares. No caso do Jardim Ângela, as dinâmicas entre as passagens objeto do concurso e avenida M'Boi Mirim são contraditórias uma vez que as passagens que existem para integrar o próprio bairro são conectadas a um elemento que segrega os espaços urbanos do bairro e o transforma em lugar árido, sem identidade. Ao mesmo tempo, as passagens e a avenida são complementares, uma vez que, se tratadas de forma igualitária formam uma rede de conexões entre o bairro e as dinâmicas da metrópole.

De uma forma geral, o Jardim Ângela é um território onde o urbanismo não reflete equidade. A população dessa região não tem acesso às mesmas oportunidades e equipamentos de áreas mais privilegiadas, assim como não contam com cenários urbanos de qualidade, o que contribui para existência de problemas sociais e de desenvolvimento da região. A construção da paisagem urbana, portanto, se faz importante como instrumento de apropriação do espaço pela população, colaborando para a melhoria nas condições sociais da população local e nas suas relações com o espaço metropolitano.



Mapa geral do Jardim Ângela com implantação das passagens estudadas, IVM



Iniciativa "olhe o degrau" no Jardim Ângela